Quinta-feira, 6 de maio de 1886

A EPOCA

MEMORIAL DOS ACONTECIMENTOS DA SEMANA

2.º ANNO

ASSIGNATURA
Por anno, em Aveiro . . . . . 1$000 réis
Reino, ilhas, ultramar e Brazil accresce o custo da estampilha.
Numero avulso . . . . . 30 réis
Publica-se ás quintas-feiras

PROPRIETARIOS — MELLO FREITAS & MELLOS GUIMARÃES

REDACTOR LITTERARIO — MELLO FREITAS

PUBLICAÇOES
Annuncios por linha . . . . . 20 réis
Repetições . . . . . 10 »
Communicados, por linha . . . . . 30 »
Aos assignantes abate-se 20 p. c.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção, Rua Direita, 91—AVEIRO

N.º 14

Aveiro

A PENA DE MORTE

Alguns cantões da Suissa restabeleceram, no anno passado, a pena de morte e naturalmente em Portugal, que é o paiz das copias, hade voltar-se atraz, para tornar a inaugurar-se a forca, a guilhotina, ou o garrote, com ou sem espectaculo publico.

Em França, ainda ha pouco tempo, as commissões especiaes que tractáram do assumpto, asseveráram que deve manter-se em principio a necessidade sanguinaria de que a pena de morte seja applicada nas praças publicas. Conta-se lá com o effeito dramatico da catastrophe, especula-se com as commoções promovidas pelo estertor do justiçado, e appella-se para o exemplo terrivel da vindicta social quando despedaça o ente miseravel, despresivel, que, trilhando a senda do vicio, praticou qualquer crime formidavel e atroz.

A pena de morte existe nos Estados Unidos, na Allemanha, na França, e na Inglaterra, isto é nos quatro paizes mais adiantados do mundo inteiro.

Nós que os não acompanhamos no progresso e na civilisação, que estamos longe de rivalisar com elles em instrucção, em moralidade e em riqueza, abolimos a pena de morte.

Pois fizemos mal.

O erro vehemente dos poetas, o falso humanitarismo dos philosophos de trapeira, as aspirações e anhelos de politicos credulos, as revelações estapafurdias dos radicaes, as cogitações dos espiritos sensiveis e timidos, as declamações dos traductores de artigos proto-imaginosos, a vangloria de alguns estadistas, que desejam reformar a torto e a direito, ligando o seu nome a uma medida de muita extensão, conduziram Portugal a este passo nocivo: *a abolição da pena de morte.*

Não nos espanta o retrocesso que d'aqui profetisamos.—Ainda em 1870 estava no zenith o systhema da liberdade economica, e hoje no curto lapso de dezeseis annos começa a preponderar o antigo regimen proteccionista. Este reviramento não é o unico dos nossos dias.

Antes de 1870 estava em voga a theoria anarchista de que a *liberdade* e a *auctoridade* são inimigos irreconciliaveis, e era n'esse tempo que se espalhava com profusão a ideia de que os *exercitos permanentes* eram prejudiciaes. Mas quando a França começou a levar aquellas esfregas monumentaes, em duas semanas de batalhas, houve outra retrogradação, comprehendendo-se que as nações vivem ainda pela força e que os grandes problemas diplomaticos d'este seculo *hãode ser por muito tempo resolvidos a ferro e fogo* como disse Bismarck, e Moltke o provou.

A frequencia dos homicidios revoltantes effectuados n'esta ultima quadra e n'este bello paiz, tendo quasi todos elles uma causa futil, obscena, insignificante, demonstram sufficientemente que a relativa impunidade dos delictos gera a facilidade dos crimes, reproduzindo-os e incitando-os.

A pena de pena deve existir na legislação, posto que raras vezes, e em só em excepcionaes circumstancias, se deva applicar.

MELLO FREITAS.

ORIGEM DE VARIAS LOCUÇÕES E ANEXINS PORTUGUEZES

Copia do *Elvense*:

TERROR PANICO

Quando os Gallos, que haviam entrado na Grecia sob o commando de Brenno, se dispunham a saquear o templo de Delphos, foram de improviso tomados de tal medo, que fugiram todos, sem que nenhum inimigo os perseguisse. Attribuiu-se então este repentino terror ao Deus Pan, e ainda hoje se chama *terror panico* a todo aquelle que é sem fundamento nem causa.

VOZ DE STENTOR

Stentor foi um dos gregos que assistiram ao sitio de Troya: tinha uma voz tão estrondosa que igualava a de muitos homens gritando todos ao mesmo tempo; esta voz servia de trombeta no exercito dos gregos. E' d'ahi que provem dizer-se «*voz de Stentor*» quando se quer fallar d'alguem que tem uma voz fortissima.

FAZER SALAMALEKS

Os turcos quando se encontram ao cumprimentarem dizem sempre uns aos outros: *Salamalai kom* (a saude vos acompanhe). Foi d'estas palavras arabes que nós dirivámos a palavra *salamalek*.

LUA DE MEL

A origem d'esta expressão vem do costume que tinham os povos do Norte, durante os primeiros trinta dias (uma lua) depois do seu casamento, de beberem unicamente hydromel.

E' o que os inglezes chamam *honeymoon*.

ESTÁ EM MUITO BOM PÉ

O comprimento do sapato era no seculo XIV um signal de distincção. O sapato d'um principe era maior que o de um barão, e o d'este maior que o de um cavalleiro. Deriva d'alli, ao que parece, esta expressão, que ainda hoje está em uso para dizer que o individuo está em boa posição, ou logar elevado:

—*F. está em muito bom pé.*

VELHO E RÊLHO

Esta locução parece derivar-se das grandes mudanças que se deram nos trajos no fim do seculo XV, trocando quasi toda a côrte e a pessoa do rei o trajo portuguez pelo castelhano e flamengo. O *rêlho* era o fecho ou fivellão com que antigamente se apertavam as preciosas cintas das senhoras portuguezas. O serem de feição triangular e quasi da feição das *relhas* que ainda hoje na provincia do Minho estão em uso, deu o nome a este ornamento do cinto ou faixa peitoral.

DEU Á CASCA

Usa o nosso povo da locução—*deu á casca*—, referindo-se á morte de qualquer pessoa. Pois *dar a casca* é um barbaro costume africano, que consiste em ministrar um veneno a qualquer individuo accusado de crime de morte por meio de feiticeria.

Se o pobre preto fallece depois do remedio, era feiticeiro; se escapa, ficando arruinado de saude, não o era, e deixam-n'o em paz.

O commandante da canhoneira *Liberal*, sr. Teves,—diz o *Diario de Noticias* do Funchal, n'um dos seus ultimos numeros—n'uma recente viagem para Landane, soube que um preto chamado Jorge ia receber a tal *casca*, como indigitado causador da morte de um outro preto n'uma feitoria portugueza do Zaire.

Foi solicitar do regulo de Santo Antonio do Zaire o perdão do infeliz, e embora não o conseguisse, o regulo recebeu-o muito bem e expoz-lhe que, sendo costumes muito antigos, não podia resolver sem uma grande *fundação*, a que assistiriam todos os reis, promettendo, porém, que não daria *casca* a este e nem a mais algum, sem a *fundação*, a que assistiria elle commandante.

TEM CARA DE SALOIO

Saloio quer dizer: que segue a lei de *Çaláa*, que era a seita dos mouros que residiam em Lisboa quando D. Affonso Henriques a tomou. Ordenou este monarcha se estabelecessem no sitio que ainda hoje se chama a *Mouraria*, e que ficava da parte de fóra das muralhas do castello, todos os mouros que possuiam fazendas e propriedades, e quizessem sujeitar-se ao

---

FOLHETIM

O CAPITÃO PLOËL

POR

JULES CLARETIE

TRADUCÇÃO

DE

Manuel Fernandes Thomaz

I

Em 1855, seguiamos os cursos do Lyceu Bonaparte. Desciamos, todos os dias a rua de Rocher, onde está situada a pensão XXX, e iamos pela rua *Caumartin*, dois a dois, n'uma desordem disciplinada, e debaixo da vigilancia de um prefeito, que nós aborreciamos pela unica rasão de o fazermos soffrer.

Lembro-me que, n'esse tempo, era nosso repetidor de mathematica um homem de quem jámais esquecerei a physionomia e a cruel historia. Chamavamos-lhe M. Ploël. Vinha tres vezes por semana dar-nos uma prelecção a que pouco se attendia. Os X e os Y fizeram-me sempre o effeito dos instrumentos de tortura. M. Ploël era agradavel e bom, d'esta doçura e d'esta bondade que uma tristeza pungente cobre com uma especie de neblina e que não tem nada de commum com a fraqueza. Não tinha quarenta annos; era alto, robusto, e elegante ás vezes.

O passo lento, o gesto raro, a palavra grave dava-lhe uma apparencia de indifferença, que desmentia o fogo do seu olhar profundo. M. Ploël era ruivo; com o cabello cortado á escovinha, barba espessa, rosto naturalmente pallido, tinha o ar de qualquer puritano do tempo do Protector. Tenho ainda na memoria, o timbre metallico da sua voz vibrante que parecia por instantes sahir d'um peito de bronze.

Fóra da prelecção, M. Ploël não nos fallava nunca. Tinhamol-o alcunhado o «Taciturno».

Muitos d'entre nós o haviamos encontrado algumas vezes na rua, sempre só.

Caminhava ordinariamente com a cabeça inclinada, o olhar no chão, n'um passo regular, mas vacillante. Tinha em si não sei que de melancholico e medonho: fronte larga e já desguarnecida, cabellos grisalhos, olhos fundos e vermelhos das vigilias, faces cavadas e mãos magras.

Sempre vestido modesta mas decentemente, M. Ploël trazia na carcela do seu casaco preto, a fita da Legião d'Honra. Perguntando-lhe um de nós um dia, onde tinha ganho essa fita, respondeu:

—Fui soldado.

Não gostavamos d'elle, por certo, a mocidade não gosta de enigmas; falta-lhe a chamma, o brilho, a vida, e este homem de marmore parecia um morto—mas nós respeitavamol-o. Sua dôr muda conservava uma magestade sombria: advinhava-se que supportava corajosamente o peso esmagador de uma existencia fatigada. A contemplação de toda a ruina faz nascer um pungente sentimento religioso e este Ploël, que não tinha nada de sympathico para subjugar, era admirado... Nenhum de nós soffreria que um sentimento de censura se elevasse contra elle... E' que o sentimento da força interior, que Ploël possuia impunha se insensivelmente nos. Em vão teriamos querido resistir. A força moral tem alguma cousa de magnetica e triumphante.

Uma manhã quando iamos para a prelecção de mathematica, o nosso prefeito annunciou-nos que, n'esse dia, a prelecção não teria logar. M. Ploël estava ausente. M. Ploël desempenhava-se da sua missão com uma zelosa regularidade. O soldado obedece á senha. Não faltava jámais ás nossas licções; chegava dez minutos antes da hora. Esta irregularidade surprehendeu-nos, M. Ploël estaria doente? M. Ploël teria deixado o collegio? O mestre de estudo tinha-nos annunciado a ausencia do professor com um ar mysterioso que nos intrigava. Quando qualquer dos outros nossos repetidores se ausentava, achavamos isso uma cousa muito natural e muito simples. Mas M. Ploël isso era bem differente. M. Ploël não podia deixar de ser exacto. Havia um anno que elle era nosso explicador e não se tinha retardado um segundo.

Dois dias antes, M. Ploël explicava-me, como de ordinario, a licção de mathematica.

Estava pallido, fallava com voz intercortada e trazia o braço esquerdo ao peito. No meio da demonstração d'um problema—(estava na pedra)—vimol-o hesitar, perturbar-se, quasi cambalear. Tornou a si bem depressa, e acabou a prelecção.

Foi então que lhe perguntámos d'onde procedia a sua ferida.

Uma vermelhidão subita succedeu á sua pallidez e disse-nos:

—Estou com effeito ferido, mas isto não é nada!

Depois callou-se, tomou o chapéu, saudou-nos e sahiu.

Nenhum de nós ousou ir mais longe.

Advinhámos que havia ali algum mysterio e um respeitoso pudor impunha silencio á nossa curiosidade.

Deu-nos aula de mathematica ainda por muito tempo M. Ploël.

dominio portuguez, pagando os mesmos tributos que d'antes pagavam aos principes mouros; assim o fizeram muitos, que, depois, se converteram ao christianismo, conservando todavia o nome de *Saloios*, que ainda se dá á gente do campo das immediações de Lisboa. Ha quem julgue perceber ainda nas caras dos *saloios* o que quer que seja do typo arabe.

PELO MARIDO VASSOURA, PELO MARIDO SENHORA.

Deu origem a este anexim o celebre conto da edade media, da paciencia de Griselidis, que chegou a ser casada com o marquez de Saluces, contada no *Miroir des Femmes*, vulgarisada por Boccacio no *Decameron*, e pelo nosso novellista Trancoso.

METTER UMA LANÇA EM AFRICA

Estando o condestavel, já velho, conversando ácerca de cousas de guerra, com alguns cavalheiros, e encostado a uma janella do convento, que dava para o Rocio, houve entre elles quem dissesse, que, se Portugal tivesse algum rompimento com Castella, elle assim quebrado de forças não poderia já alancear tantos castelhanos como d'antes fizera. Ouvindo isto, o condestavel pegando d'uma lança despediu-a pelos ares e a fez cair a extraordinaria distancia, accrescentando: *Se a minha patria carecer de mim, ainda metterei esta lança não só em Castella mas em Africa.*

D'ahi, dizem, nasceu o dito popular de—*Metter uma lança em Africa.*

RISO SARDONICO

Segundo Discorides, crescia na Sardenha uma planta, cuja raiz, logo que se comia causava a morte com convulsões do rosto semelhantes ás do riso.—Proviria d'ahi a phrase *riso sardonico?* pergunta Cesar Cantu, na sua Historia.

DEIXE-SE DE LERIAS. DEIXE-SE DE CANTIGAS. AZAMBRADO

No Cancioneiro da Vaticana acha-se uma canção com o estribilho *Lelia, vae lelia,* resto por ventura do genero lyrico das *Leilas.* Janer, na obra sobre a *Condicion de los Moriscos,* falla da terrivel ordem que Filippe II promulgou em 1566, prohibindo o escrever e fallar arabe, bem como o usar trajos e cantar cantigas mouriscas: «y tambien en los de fiesta no haciendo *zambras*, ni *leylas*, con instrumentos, ni cantares moriscos, aunque no dijesen en ellos cosas contrarias á la religion cristiana.»

Estas prohibições eram acompanhadas de violencias corporaes, mas as cousas mantinham-se pelo automatismo do costume, d'onde eram extirpadas pela falsificação catholica; assim ainda hoje usamos a locução popular: deixe-se de *lerias*, simultanea com: deixe-se de *cantigas*. Do baile mourisco da *zambra*, ficou a palavra de giria *azambrado*, para designar o corpo ou o gesto desengraçado.

SANGRAR-SE EM SAUDE

Entre os romanos, quando um soldado era accusado de negligencia grave, sangravam-no como se estivesse doente e d'isso precisasse, porque, devendo ser a força a primeira qualidade d'um guerreiro romano, enfraquecel-o era aviltal-o. Ligar-se-ha a este antigo costume a locução popular: *Sangrar-se em saude?*

DEITAR POEIRA AOS OLHOS

Nas lutas de corridas nos jogos olympicos os corredores mais ageis lançavam poeira, levantada do chão com os pés, contra os adversarios que de mais perto os seguiam, para os cegar e obrigar a diminuir de velocidade.

E', pois, por comparação com este facto que se emprega a expressão: *deitar poeira aos olhos*, no sentido de offuscar, tentar enganar, etc.

BIOGRAPHIA DE PASTEUR

Luiz Pasteur, nasceu em Dole, no departamento de Jura, em 26 de dezembro de 1822.

Tem, portanto 63 annos completos.

Os seus primitivos estudos foram modestos, e seguidos na pequena povoação da provincia em que nasceu; no entanto, aos 18 annos conseguiu tomar a direcção do collegio de Besançon, e aos 21 annos era admittido na escola normal.

Poucos homens seguiram tão rapidamente a grande escala dos conhecimentos humanos, e tambem poucos, como Luiz Pasteur, tiveram tão cedo o reconhecimento do seu alto saber e de sua profunda competencia.

Na escola normal de Besançon, os seus progressos nas sciencias physicas foram rapidos; e devido á perenne manifestação d'uma intelligencia superior, Luiz Pasteur, era recebido em 1846, aggregado á cadeira de physica da mesma escola e preparador da de chimica.

Um anno depois, 1847, obteve o grau de doutor em sciencias, e em 1848 era professor da cadeira de physica no Lyceu de Dijon.

Do Lyceu de Dijon, passou em 1849 a professor supplente da cadeira de chimica na Universidade de Strasburgo, e em 1852 obtinha a propriedade da mesma cadeira.

A noticia dos profundos conhecimentos scientificos do eminente professor, já em 1854 echoava em toda a França e por ventura era conhecida na melhor parte do mundo culto.

Pasteur, que desde 1854 a 1857 era o decano da faculdade das sciencias de Lille, foi chamado pelo governo a Pariz. D'essa epocha em em diante o sabio insigne tem uma vida repleta de triumphos.

Nomeado director dos estudos scientificos da escola normal de Paris e regente das cadeiras de geologia, physica e chimica, entrou para a Sorbonna em 1863. Caminhava de descoberta em descoberta, e resolvia com pasmosa facilidade, intricados problemas scientificos. Um dia estudava o vinho, vinagre, outro a cerveja, da qual melhorou o fabrico e assegurou a conservação.

A Academia das Sciencias de França contava-o pouco depois no seu seio, e em 1873 a Academia de Medicina conferia-lhe com toda a solemnidade o honroso diploma de membro associado.

Em 1856, Pasteur conquistava a grande medalha Rampford da Sociedade Real de Londres. Em 1859, novo premio vinha coroar os seus estudos. Em 1861 era-lhe conferido o preimio Jeckert. Em 1868 foi agraciado com a Legião de Honra. Em 1874 o ministro de instrucção publica da Republica Franceza, apresentou um projecto de lei á approvação da Assembleia Nacional conferindo ao sabio professor uma pensão annual de 20:000 francos.

Trabalhos de primeira ordem em physica molecular, solução da doutrina da geração espontanea, tratados sobre o vinho, sobre o vinagre e sobre as doenças do bicho da seda, theoria dos germens nas doenças contagiosas, que transforma a medicina e cirurgia, fixáram sobre Pasteur a attenção dos institutos scientificos de todo o mundo.

Innumeros são por tanto os serviços prestados á humanidade por este grande lumiar da sciencia, e sobretudo, a sua ultima descoberta da *vacinação rabica* como tratamento da *hydrophobia*, tornou o seu nome perduravel e eterno, collocando-o entre os immortaes.

Pasteur é uma das mais puras glorias da França e o cerebro potentissimo d'aquelle investigador honra a humanidade.

Moscardos

GALHOFA ORIGINAL

Um dia o relogio da *Relação do Porto* asneou destemperadamente. Houve quem estranhasse o acontecimento, mas quanto a mim, n'esse transe commovente, lembrou-me por felicidade que talvez o relogio tivesse ido *para a cadeia* POR VADIO.

Depois de uma visita ao exm.º deputado por este circulo Francisco de Castro *Mattoso*, irmão do chefe do partido progressista, José Luciano de Castro, recostei a cabeça sobre o fundo da carruagem e quasi vinha somnolento. Estas circumstancias foram estranhadas pelo meu companheiro de embaixada.

—Que tens tu?

—Não te admires d'esta lethargia em quem tem *estado comatoso* (co' Mattoso).

D'uma dama, elegante sim, mas feia e muito espartilhada, costumava dizer um solteirão exigente:

—Ora adeus, sempre é uma senhora que usa *barba cerrada... de baleia.*

—Acreditas em Deus?

—Eu não, porque é um mysterio.

—Ah sim! tu só acreditas o que entendes...

—Pois é claro.

—Mas entendes tu o inglez?

—Eu não.

—Então como acreditas na lingua ingleza?

N'uma praia de banhos anda um namoro escandaloso entre um titular de excellente nobreza e a mulher d'um tabellião de notas. E era tanto o descaramento diplomatico do galanteio que o fidalgo, em face de varios estroinas, e nas bochêchas do esposo, quando o par adulterado sahia das ondas, ousou concertar uma entrevista n'estes termos, algo sibyllinos:

—Então seu marido, minha senhora, vai hoje ao Porto, e porque será que hoje mesmo *nada consigo*?

A formosa e appetecida tabelliôa sorriu acenando com a cabeça a significar que tinha entendido.

Oxalá que as leitoras pudibundas não entendam.

Era d'uma vez uma menina de semblante tão lindo e seductor e tão recatada que ninguem a podia ver que lhe não rendesse homenagem á belleza irreprehensivel.

—E depois? interromperá alguem com mais curiosidade—... depois uma visinha, que era muito velhaca e deshonesta, e que tinha um tio padre, deu-lhe uso e metteu a cotio (*co' tio*) a esta pobre rapariga.

Um negociante muito rico que á codêa do balcão fizera dinheiro e amontoára cabedaes em tanto

---

Um bello dia (alguns de nós chorámos n'este bello dia) — annunciou-nos que deixava o collegio, que deixava a França. Ia, disse elle, para longe, para a America «onde se póde viver». Agradeceu-nos a nossa docilidade e com uma commoção desacostumada, a nossa affeição «que elle tinha observado».

Deu-nos alguns conselhos sobre a vida pratica.

Era a primeira vez, que divagava fóra da sciencia. As suas palavras eram assignaladas d'uma amargura mal disfarçada. No fim da prelecção, apertou a mão a todos, e como se lhe perguntasse.

—Para onde podemos escrever-lhe?

—Não sei ainda, respondeu M. Ploël. Sacudio a cabeça. Mas não se esqueçam de mim, senhores, é tudo o que lhes peço!

Não se esqueçam de mim! A grande palavra d'aquelles que partem áquelles que ficam, o supremo adeus d'aquelles que vão morrer. Não se esqueçam de mim, não se esqueçam de mim, que lá estarei só, abandonado, soffrendo, e vós, os felizes, os predestinados, vós que credes n'esta riqueza: *amanhã*, não vos esqueçaes de mim! Não se esqueçam de mim. E parte. E pensa sempre n'aquelles que deixou, n'aquelles que ama!

E estes, lançados no turbilhão ruidoso, e na multidão, e estes que acham a cada passo novos amores e novas lembranças, e estes, risonhos, ingratos esquecem-n'o pouco a pouco, e algumas vezes de repente: Não se esqueçam de mim! A lagrima disse ao sorriso: Lembrem-se de mim!

Ah! quantos d'aquelles que deviam pensar no pobre Ploël, no presente nem sabem o seu nome.

II

—Conheceste Ploël? disse-me um dia um official meu amigo, a quem fallava do nosso professor. Eu tambem o conheci! Foi meu camarada de collegio, e mais do que isso, meu amigo—Ploël é, de todos os rapazes que conheci outr'ora, aquelle de quem me lembro mais. E' d'estas caras que sempre ficam gravadas na memoria.

Ha quasi trinta annos que nós fômos condiscipulos no lyceu Henrique IV. Fui um cabula; Ploël ao contrario, um estudante distincto, uma intelligencia fóra do commum, abraçando n'um só e rapido golpe de vista as letras e as sciencias—o céo e a terra.

Tinha já no espirito não sei que admiravel firmeza. Ploël era Bretão, nascido lá em baixo, sobre esta terra de granito, onde as arvores e os homens são collossaes. D'um espirito positivo, exacto e profundo, tinha entretanto por vezes ardentes e sombrias aspirações. Não se respira em vão esta aragem estranha que passa atravez da charneca armoricana. O Bretão guarda na alma, sempre, não sei que ecco da patria ausente.

Surprehendi algumas vezes Ploël, pensando, com os olhos molhados de lagrimas. Pensava na sua pequena aldeia, empoleirada sobre os penedos, sacudida pelo vento e batida pelas ondas. Algumas vezes nas salas d'estudo negras e defumadas, tinha por assim dizer, a nostalgia da tempestade. Levantava a cabeça, e, os olhos fixos, as narinas entreabertas, escutava a não sei que phantasmas de sons que lhe pareciam o ruido das vagas, o silvo da tempestade.

—Então não estuda? senhor Ploël, interrompia logo a voz do mestre.

E então accordado em sobresalto, triste, punha-se ao trabalho.

Mas o sonho e a loucura não absorviam nada a sua vida, não o occupava mesmo nada. Ploël era um homem d'acção. Além de pobre, filho d'um pequeno proprietario que o tinha feito educar á custa de privações, comprehendia que não tinha tempo de se atrazar nos atalhos floridos da chimera.

Era preciso viver. Tanto mais que ao sahir do collegio, abraçou a rude carreira, que talvez só, dá de repente pão.

Fez-se soldado, simples soldado e conquistou seus postos tão depressa como se tivesse passado pela escola. Sempre escravo da disciplina, fez-se rapidamente distinguir dos seus chefes. O *Monitor* annunciando em 1847 a sua promoção ao posto de capitão, designara-o com uma das esperanças do nosso novo exercito.

Ploël tinha então apenas trinta annos. Conhecestel-o quebrado, já envelhecido.

Era necessario vel-o então. O uniforme severo de dragão ficava bem á sua physionomia varonil, impressa d'uma melancolia séria que não deixava de ter certo encanto. A melhor carreira se abria diante d'elle.

Tinha não só o prestigio do talento affirmado, mas tambem a aureola do talento que nasce e engrandece. Ploël tinha esta aureola. Era um marechal do futuro.

Escrevia-me n'esta epoca muitas vezes e regularmente. Lembro-me palavra por palavra das suas cartas que me revelavam a sua alma inteira. No meio da vida monotona da guarnição que levavam, ellas faziam-me o effeito de um balsamo.

(Continúa).

ponto e com tal felicidade, que era no commercio designado por *Monte-Christo*, casou uma filha bonita com Euzebio Heliodoro, um estudante com premios, cujo talento tinha sido muito esgasiado e louvado nas gazetas.

Passados oito dias depois do hymeneu foi a casa dos jovens conjuges e ficou cheio de pasmo por, ás cinco horas da manhã, encontrar o Euzebio sentado á banca a decifrar problemas intrincados de engenheria.

—Convença-se, meu illustrado amigo, disse-lhe o sogro com geito reprehensivo, olhe que o papel de noivo tem pouca mathematica.

—Para que comarca das ilhas adjacentes, quer o meu amigo que eu lhe despache seu filho?

—Mande-o para qualquer, só não o mande para *S. Jorge*, e abstenho-me de lhe dizer as razões d'esta minha embirra.

—Olhe que depois não havia ninguem que fosse capaz de o arrancar d'alli, é como se estivesse *atarrachado*...

—Pois é mesmo por essa ultima rasão.

—Não ha paradoxos, dizia um lente cathedratico, sentenciosamente, n'um lauto banquete, entre viandas rescendentes, opiparas eguarias e vinhos deliciosos.

—Ora essa (accudiu um papajantares celebre, um parasita ultrafabuloso) todos os dias chovem paradoxos.

—Venha um exemplo, inquire o professor com o entôno sabio de *magister*.

—Um exemplo? quer um exemplo? Ahi vai um. Esta magnifica vitella está morta mas convida (*com vida*).

MELLO FREITAS.

Arauto das Salas

Fazem annos

Hoje o sr. José Prat.

A 9, a ex.ma sr.a D. Maria Joaquina Faria Villas-Boas Salgado.

A 10, a ex.ma sr.a D. Adeleide Sophia de Moraes e Silva.

A 11, o sr. dr. José Fortunato da Silveira Freire Themudo.

A 12, o sr. Francisco Maria Rebocho.

Bibliotheca

A ESTAÇÃO, *jornal illustrado de modas para as familias*.

Sahiu o n.º 1 do 1.º de maio.

Além da chronica da moda, do figurino colorido e do supplemento de moldes, traz as seguintes gravuras:

Toilettes de passeio — Costumes, com corpo casaca; com corpo jaqueta para menina de 10 a 13 annos; para menino—Sombrinhas—Manto com capuz e mangas simuladas — Manto sobrecasaca—Duas capotas de renda — Vestidinho Jersey, para creança— Chapéu de filó encarnado — Formas de palha, para chapeus — Collarinho alto e gravata de *foulard* — Camisinhas e fichús — Toilette para theatro e concerto—Cobertas, almofadas, etc., etc.

Assigna-se no Porto na livraria dos srs. *Lugan & Genelioux* (antiga casa Chardron).

HISTORIA DA REVOLUÇÃO DE 1820, por José d'Arriaga.

Vai distribuir-se por estes dias a 1.ª caderneta da notavel edição que a importante casa editora do Porto, a Livraria Portuense, está fazendo da *Historia da Revolução Portugueza de 1820*.

Esta edição é um verdadeiro monumento nacional de alta importancia litteraria, historica e artistica. Os editores não teem poupado esforços para para dar a esta obra a feição accentuadamente nacional, portugueza de lei. E' uma das edições mais notaveis e de maior merito que nos ultimos annos se tem publicado em Portugal.

Os arrojados editores distribuirão um BRINDE a cada assignante d'esta obra, que é d'uma fidalguia excepcional: são quatro quadros historicos extrahidos da obra, que serão verdadeiramente preciosos, pois representam o resultado d'um torneio artistico entre quatro artistas portuguezes de reconhecido merito.

Só o BRINDE tem maior valor do que o desembolso que o assignante fará pela assignatura d'esta importante obra. — Editores, Lopes & C.ª — Porto.

Resenha telegraphica

* A 28 abril.—Conversão dividas ilhas Cuba, diz *La Epoca*, não affectam thesouro metropole; existem difficuldades por causa reducções de Camacho ministerios guerra e marinha. A Porta agradece calorosamente a intervenção da França conflicto hellenico. Povo grego pede ao governo resista á pressão das cinco potencias.

* A 29.—O *Figaro* annuncia ter recebido estatisticas comprovando bom resultado do processo Ferran contra colera. Affigura-se que o emprestimo Cuba será 175 milhões de pesetas sob garantia metropole; emittidos titulos de 77 por cento, com o juro de 6 p. c., e amortisação 50 annuidades; abonada á commissão 4 p. c. ao banco Colonial, o qual dará 2 e meio por cento aos bancos estrangeiros que tomarem parte na emissão; esta effectuar-se-ha no dia 10 de maio. Grande incendio de fabricas em Beeston (Inglaterra)

* A 30.—Reunião, pela primeira vez, em Madrid dos republicanos e progressistas colligados; preside Figuerola—O padre Galeote, assassino do bispo de Madrid escreve arrependido ao nuncio. Delyannis, Grecia, reporta-se ás suas promessas á França, para desarmar.

* A 1 maio.—Um cruzador allemão, dizem, anda ha muito entre Mogador e rio Ouro. Apprehendidos em Bayonna 60 mil cartuchos para os *carlistas*.

* A 2.—O papa consente que nomeações ecclesiasticas sejam notificadas ás auctoridades prussianas; esta concessão assegura accordo da Prussia com o Vaticano, e por tanto, revisão leis de maio. Tricoupi, Grecia, protestou contra insinuação de que a mudança ministerial póde compôr o litigio Grecia com potencias.

* A 3.—Manifestações de grevistas em New-York e Chicago. Arde, por malvadez, perto de Charleroi um quartel de cavallaria.

* A 4.— Manifesto eleitoral Gladstone censurado por varios jornaes; o *Times* qualifica o sr. Gladstone de perigoso demagogo. *Grevistas* de Chicago promovem conflicto e atacáram uma fabrica—Sagasta visita Camacho para resolver questão finanças, este quer ainda a reducção das despezas guerra e marinha.

Chronica local

Estadas, visitas, partidas e regressos

A 29 de abril passaram aqui os srs. drs. Albano de Mello e Joaquim de Mello Ribeiro Pinto.

—Partiu para Coimbra, a 3 do corrente o sr. dr. Francisco de Castro Mattoso.

—Chegaram aqui no dia 28 de abril a sr.a baroneza de Palme e sua ex.ma filha.

—Deve breve visitar esta terra a ex.ma sr.a D. Thereza Saldanha (Rio Maior).

—Chegou antes d'hontem o sr. Antonio Nunes, negociante d'Elvas.

—Parte no sabbado, para a Marinha Grande, acompanhado de sua ex.ma mãe, o nosso amigo Egberto de Mesquita.

Operação

O sr. dr. Arthur Ravara fez no dia 4 huma a um doente do hospital de S. José a operação de cataracta, pelo processo de Graefe. Assistiram os srs. conselheiro Theotonio da Silva, Schindler e Bordallo Pinheiro.

Theatro Aveirense

A companhia do theatro do Principe Real, do Porto, vem aqui nos dias 10, 11 e 12 do corrente.

—Vai haver breve, tambem, uma récita de amadores, que levarão á scena um drama e uma comedia d'auctores aveirenses.

—Os srs. sargentos de cavallaria 10 já estão ensaiando o espectaculo que prenoticiámos, e que reverterá em beneficio da estatua de JOSÉ ESTEVÃO.

O drama é *O 29 ou Honra e Gloria*.

Audiencias geraes

Foi addiada a causa em que é reu José Madeira, pretenso assassino de Manuel Covão.

Hontem foi julgada e condemnada Maria dos Santos, pelo crime de infantecidio.

Varias novenas

Principiaram no dia 30 as do *Mez de Maria* no recolhimento de Jesus.

—Ha egualmente novenas nas *Carmelitas* dedicadas a Nossa Senhora das Dores.

—Amanhã começam tambem as de Santa Joanna Princeza no alludido recolhimento.

Syndicancia

Prosegue o sr. Joaquim Antonio da Rocha, 1.º official do correio do Porto na que se está fazendo ao serviço do correio de Aveiro.

Mão á palmatoria

Em o numero passado dissemos que Villa Real era cidade. Foi erro.

Que o não saiba o juiz de Direito.

Junta Geral

No dia 1 houve a abertura da sessão ordinaria. Muito concorrida e muito palavriado. Annulláram a eleição pelo circulo de Estarreja. Ficou eleita a seguinte commissão executiva:—*Presidente* o sr. Alexandre Seabra—*Secretario* o sr. Barbosa Magalhães—*Vogal* o sr. Araujo e Silva.

Doente

Tem passado mal de saude o snr. Manuel José Mendes Leite. Estimamos do coração as suas melhoras.

Senhora do Alamo

Teve logar no domingo esta pequenina e pictoresca romaria.

A exm.a viuva de José Estevão

Deu para o Asylo *José Estevão* uma inscripção de 50 mil reis. Applaudimos e louvamos muito esta bonita acção.

Roubos

Na noite de 27 de abril quizeram os larapios arrombar as portas da loja do sr. João Pereira Campos.

—Ha dias arrombaram a porta do armazem do sr. Pedro da Cruz. Felizmente nada acháram.

—Na noite de 30 de abril escalaram a saccada do sr. Gustavo Ferreira Pinto, e entrando na sala de visitas roubaram um castiçal e uma espevitadeira de prata. Pessimas *visitas!*

Na cadeia

Estão já os meliantes que, a 21 do mez passado, roubaram duas eguas a Joanna Vieira, de Mamodeiro.

Arrematação

A 18 e 19 do corrente hão de arrematar-se no governo civil varios fóros da Misericordia d'esta cidade e impostos em bens sitos nos concelhos de Aveiro e Ilhavo.

Cavallaria 10

Vem para cá o coronel Miguel Malheiro Correia Brandão e o capitão Joaquim José Ribeiro Junior.

Carta notabilissima

O *Conimbricense* republicou a 4 do corrente a celebre carta que Francisco Manuel Gravito da Veiga e Lima (desembargador dos aggravos da casa da supplicação e corregedor do civil da côrte, e um dos suppliciados a 7 de maio de 1829 na Praça Nova) escreveu a 6 de maio d'aquelle anno a sua filha:

«As vicissitudes da sorte, querida filha, tão variaveis como a chamada fortuna, collocaram o teu carinhoso pae na lista dos criminosos, e hoje é victima do odio, da vingança e da mais feroz arbitrariedade. Proximo já aos ultimos momentos, de ti me recordo com vivissima saudade; eu te consagro os meus suspiros como o vinculo mais doce que prende a minha existencia. A tua memoria me é cara; e no meu inopinado infortunio, a tua imagem querida existe a par de mim: tu perdes um pae, o melhor dos teus amigos: elle é roubado ao teu coração innocente para ser votado ao cadafalso; mas nem por isso é hoje indigno de ti. Sem protecção e sem abrigo, a tua perda é irreparavel; e eu espero, minha filha, que nunca seja indemnisada. Ninguem substitue o teu pae. Neste momento ha franqueza. Muito desejo te conserves sem alguma outra relação social, para não empenhares o teu coração na sorte de um outro homem em quem se puna, como em mim, a virtude, e ponha a tua em lances amargurados. Se porém outro fôr o teu distino, eu te rogo que prefiras um homem dos sentimentos e dos principios de teu pai, na certeza de que nem estes, nem o patibulo, em que vae terminar seus dias. podem servir-te de opprobrio. Adeus, minha filha.... Adeus para sempre!!....»

Gravito residia em Aveiro, foi aqui preso e entrou na cadeia do Porto a 10 de agosto de 1828.

THEATRO AVEIRENSE

COMPANHIA D'OPERETA DO THEATRO DO PRINCIPE REAL DO PORTO

Nos dias 10, 11 e 12 do corrente

1.ª récita, a opereta em 3 actos:

A AVE AZUL

2.ª récita, a zarzuella em 3 actos:

O THESOURO ESCONDIDO

3.ª récita, a zarzuella em 3 actos e 4 quadros

O TESTAMENTO AZUL

A assignatura acha-se aberta em casa dos srs.: Antonio Cardoso d'Azevedo, Antonio José Martins e Eduardo Augusto Ferreira Osorio.

LEILÃO DE FACECIAS ALHEIAS

Certo juiz, a quem um official de diligencias desattendera em sua propria casa, pegou n'uma bengala e desancou-o com ella.

—El-rei não manda dar!—exclamava o official, saltando por cima de bancas e cadeiras!

—Bem sei, dizia o juiz, mas isto cá é curiosidade minha.

*

—Pelo portador, que é meu criado, manda-me as lunetas que ficaram em tua casa, julgo eu.

P. S. Podes mandar o criado embora, porque já as achei; tinha-as mettido no bolso do casaco.

*

Ciumes e grossa toleima:

—Atreva-se a negar que faz a côrte a minha mulher! dizia o marido empunhando um nodoso bastão. Ande, atreva-se a isso?! Olhe que o racho de meio a meio.

Mas eu não nego semelhante cousa! respondeu o rapaz completamente aterrado.

—Vai morrer!

—Mas que fiz eu?!...

—Oh! patife! pois não acaba de confessar o crime?

—E' que julguei que o senhor tinha empenho em que eu o tivesse commettido!

*

Entre livres pensadores:

—Vês tu, dizia um d'elles, eu creio na metempsychose!—estou certo de que quando morrer, a minha alma irá para o corpo de um animal!

—Ora para isso não tens necessidade de morrer!...

*

Um sacerdote auxiliava um saloio a bem morrer perguntou-lhe:

—Que farás se Deus te chamar á Sua divina presença?

—Quem eu? não ir!

*

Procopio e sua mulher tratam de dar um baile, quando Procopio exclama:

—Temos que renunciar á idéia de dar o baile, não cabe tanta gente cá em casa.

—E se tirassemos os quadros não haveria mais logar?

*

A um padre que ia prégar quaresma perguntou o cocheiro:

—Vamos onde fômos hontem?

—Não homem, não; a mim nunca me chamam segunda vez, depois de ter prégado o primeiro sermão.

*

—A minha terra—dizia um—tem seis mil almas.

—Bem sei—respondeu o outro—mas apesar de todas as commodidades que você tem enumerado, não tem sequer uma casa de banhos.

—E' verdade! mas para que precisam as almas de banhar-se?

Correio de noticias

Oleo de bambú

M. de Brazza fallava ultimamente na Sociedade de Geographia de Paris na industria do oleo de bambú, creado por M. de Manas sobre o Alima, e egualmente explorada por outro companheiro de M. de Brazza, M. Ponel.

Segundo o Padre Augouard (*Missions catholiques* 12 de fevereiro de 1886) este oleo é excellente para as machinas e substitue vantajosamente o azeite, que é preciso mandar ir da Europa, com grandes despezas.

O gosto d'este oleo é por outro lado muito agradavel e quando bem preparado e decantado substitue, senão vantajosamente, pelo menos convenientemente o azeite de oliveira para uso da cosinha.

Seria util portanto aclimar o bambú oleifero de Alima nos terrenos pantanosos das nossas colonias.

Sonetilho ratão, que não é destituido de interesse e de poesia

Lê-se na *União* de Penafiel em o numero de 2 de maio corrente:

E's bella,
gentil,
d'Abril
estrella

singela,
formosa
qual rosa!
Anhela

meu seio
por ti,
houri!

d'anceio
vivi...
morri!

Agostinho.

Universidades na Europa

«Na obra *Les États de l'Europe*, publicada pelo professor dr. Hugues Brachelli, acham-se curiosas indicações ácerca da organisação actual das universidades.

«Resumimos as estatisticas do anno 1882-83.

«Ha na Austria-Hungria 10 universidades com 979 professores e 15:573 estudantes.

«Na Alemanha 22 universidades com 2:011 professores e 25:422 estudantes.

«Em Inglaterra 8 universidades e 7 collegios com 509 professores e 18:170 estudantes.

«Em quanto á França, não ha, como é sabido, universidades do estado, mas só faculdades.

«Ha 33 faculdades de direito, 11 de medecina, 25 escolas preparatorias para os estudos medicos, 30 faculdades de sciencias e lettras, que teem ao todo 1:184 professores e 15:526 estudantes.

«A França possue além d'isso 5 universidades catholicas.

«A Italia tem 17 universidades do estado e 4 universidades livres com 1:653 professores e 11:723 estudantes.

«A Russia 3 universidades com 706 professores e 10:305 estudantes.

«A Suecia e Noruega 4 universidades com 213 professores e 2:525 estudantes.

«Belgica 4 universidades com 253 professores e 4:072 estudantes.

«Suissa 7 universidades com 253 professores e 2:031 estudantes.

«A Hespanha 10 universidades com 475 professores e 13:722 estudantes.

«A Roumania 2 universidades com 87 professores e 693 estudantes.

«Portugal, a Grecia e a Turqui teem uma só universidade.

«A Hollanda 5 universidades com 192 professores e 1:865 estudantes.»

Companhia das aguas de Lisboa

Ha em Lisboa 10:850 boccas de incendio, sendo 250 em estabelecimentos publicos e municipaes, 197 em estabelecimentos particulares, 115 na via publica, pertencentes a estabelecimentos publicos ou particulares, 489 na via publica pertencentes aos municipios, 165 nos jardins, como boccas de rega e 9:634 das canalisações das propriedades.

As machinas dos tres reservatorios da companhia das agua levantaram em 1883 3.390:034 metros cubicos de agua; em 1884 5.068:677, e em 1885 5.784:278.

A mão esquerda no duello

Em fevereiro de 1885 houve em França, ou antes na fronteira belga, o desgraçado duello em que Dekeirel, desviando com a mão esquerda a espada do seu adversario Chapuis, o matou atravessando-lhe o peito de lado a lado.

Os espadachins para não terem o caso como um assassinato sustentaram que era licito aquelle jogo.

Agora no duello entre Arthur Meyer, redactor do *Gaulois*, e Drumont, auctor da *France Juive*, recontro succedido a 24 de abril ultimo, Meyer feriu o seu antagonista, desviando golpes com a mão esquerda. Estes movimentos, diz elle, que foram inconscientes.

A imprensa parisiense discute o caso e das opiniões encontradas parece ter obtido a maioria das adhesões a seguinte de Albert Rogat, que assim se exprime na *Autorité*:

«Não nos será licito admirar-«mo-nos que as testemunhas, lo-«go que se produziu um incidente tão gravemente irregular, não «tivessem posto fim ao combate, «ou pelo menos exigido que o «combatente que se serviu da «mão esquerda, *tivesse a mão ata-«da nas costas?*

«A reincidencia e as suas con-«sequencias justificam além do «que é preciso a nossa apreciação, para que tenhamos necessi-«dade de insistir.

«Qual seria o pesar—tão pro-«fundo como inutil—das testemu-«nhas, se por sua causa tivesse «havido morte d'homem?»

Assombrosa descoberta

O NAUTILUS das *Vinte mil leguas submarinas* de Julio Verne tem já realisação. Segundo despachos telegraphicos de 17 de abril, vindos de Madrid, consta o seguinte:

«Realisaram-se em Salamina (Grecia) novas experiencias com o barco submarino Nordenfeldt. Os resultados foram os seguintes:

Evolucionou em todas as direcções ao de cima e debaixo d'agua; seis pessoas fechadas hermeticamente no barco respiram com facilidade durante horas; o barco foi submergido descendo mais de 30 pés, e percorrendo 10 milhas inglezas só com o calor contido nos reservatorios e sem fogo nas caldeiras. Demonstrou-se que o barco póde ter uma marcha regular de 8 milhas e meia por hora. A commissão de vistoria ficou muito satisfeita».

Nordenfeldt é o celebre inventor de uma metralhadora d'este nome.

Sabbado de Alleluia em Braga

Na Porta Nova estava um Judas que aos pés tinha o seguinte verso:

Sou Judas e vou morrer
Por ser falso ao meu Senhor,
Mas fica um Judas maior
Que és tu meu falso leitor.

Apoiado!

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ACABA DE SAHIR A LUZ O 1.º VOL DO

DICCIONARIO UNIVERSAL DE EDUCAÇÃO E ENSINO

POR

E. CAMPAGNE

DIRECTOR DO COLLEGIO

Trasladado a portuguez e ampliado nos varios assumptos relativos a portugal por

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Nova edição portugueza illustrada. Consideravelmente augmentada com um crescido numero de artigos coordenados dos principaes escriptores de pedagogia por JOSE' NICOLAU RAPOSO BOTELHO.

Preço por assignatura..... 3$400 rs.

Ainda se tomam assignaturas ás cadernetas, de 200 reis cada uma, em todas as livrarias e na Livraria Internacional de Ernesto Chardron, casa editora, LUGAN & GENELIOUX, successores.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

OTHELLO

O MOURO DE VENEZA

DE

William Shakespeare

Tragedia em 5 actos, traduzida para portuguez

POR

D. LUIZ DE BRAGANÇA

A' venda na Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6.—Preço, 300 reis; pelo correio, 320.

Venda de casas

Vendem-se duas, que pertencem ao herdeiros de Manuel Simões Amaro. Quem as pretender falle nas mesmas, sitas na rua da Cadeia, com a viuva.

Camillo Castello Branco

SERÕES DE

S. MIGUEL DE SEIDE

Chronica mensal de litteratura amena, novellas, polemica mansa, critica suave dos máos livros e dos máos costumes

Sahirá no dia 1 de cada mez um volume, contendo 70 a 80 paginas, formato 8.º, nitidamente impresso em excellente papel custando cada volume 200 réis por assignatura, pagos no acto da entrega, e 250 réis avulso. Para a provincia só se acceitam assignaturas que venham acompanhadas da importancia adiantada de 5 volumes ou 1$000 réis. A casa editora considera seus correspondentes todos os senhores que angariarem qualquer numero de assignaturas, superior a 5, garantindo-lhes a percentagem de 20 p. c., ficando a distribuição a seu cargo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á LIVRARIA CIVILISAÇÃO de *Eduardo da Costa Santos*—editor—rua de Santo Ildefonso, 4 e 6, Porto.

RETRATO DO NOTAVEL PATRIOTA

MANUEL FERNANDES THOMAZ

UM DOS HEROES DE 1820

Vende-se o magnifico retrato d'este portuguez notavel, executado a crayon por A. Silva, alumno distincto da Academia de Bellas Artes do Porto. É um trabalho admiravel, que tem merecido a honra de ser visitado no estabelecimento dos editores da *Historia da Revolução Portugueza de 1820* por centenares de pessoas. Resolveram aquelles popularisar o alevantado patriota Manuel Fernandes Thomaz, o heroe de 20, que melhor synthetisou a grande revolução liberal de 1820.

Vende-se este primoroso retrato, em tamanho natural, por 300 réis.

Pelo correio devidamente acondicionado, 360 réis.

LIVRARIA PORTUENSE, editora da *Historia da Revolução Portugueza de 1820*—Rua do Almada, 123—Porto.

Para os assignantes da *Historia da Revolução Portugueza de 1820*, que desde já pedirem, custará apenas 250 réis, franco de porte.

GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

RUA DIREITA — AVEIRO

Participa aos seus amigos e ao publico de Aveiro e arredores, que acaba de abrir um importante deposito de MACHINAS DE COSTURA as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A *MEMORIA* (especialidade que mais recommenda), é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela solidez e variedade de trabalhos que executa, supplanta toda e qualquer machica que se tem vendido em Aveiro.

A *MEMORIA*, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 onde foi a UNICA MACHINA DE COSTURA que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A MEMORIA vende-se a presta ções de 500 réis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto aos compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

Ao recommendar a machina MEMORIA dire comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços, que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

HISTORIA DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos

DOS

Patriotas mais illustres d'aquella epocha

E DOS HOMENS MAIS NOTAVEIS DO SECULO XVIII

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Valiosos Brindes a cada assignante, consistindo em 4 magnificos Quadros compostos e executados por Professores distinctos de Bellas Artes. Os Brindes distribuidos a cada assignante venderse-hão avulsos por 5C$ reis.

A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez.

Cada fasciculo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 reis sem mais despeza alguma. No imperio do Brazil cada fasciculo 800 reis fracos. A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40. Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 12 e 15 libras.

A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 10$000 reis fortes. O 1.º fasciculo sahirá em abril proximo.

Está aberta a assignatura para esta notavel edição na *Livraria Portuense de LOPES & C.ª—Editores*. Rua do Almada, 123—Porto. Recebem-se propostas para correspondentes em todo o paiz e no estrangeiro.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço da assignatura

Um anno.....	4$000
Seis mezes.....	2$100
Numero avulso.....	200

Agente em Portugal—Ernesto Chardron Porto.

AVEIRO

Typographia da EPOCA

Rua de Jesus